

DA “FLOR DO LÁCIO”, DE BILAC, AO NÉCTAR DA LÍNGUA EM BOJUNGA.

Sônia de Almeida Barbosa Grund (UNIGRANRIO)

soniagrund@uol.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

O artigo em questão tem como propósito debater acerca da escrita de Olavo Bilac e Lygia Bojunga, enfatizando os seguintes pontos: 1º) A arte com o léxico português, objetivando enaltecer a língua portuguesa que, em Bilac, é exemplificada com o poema “Língua portuguesa”, obra pela qual, o poeta institui um eu poético em diálogo com o próprio idioma, corporificando-o, apresentando-o como algo belo e complexo, através da diversidade fonética, regras gramaticais e exceções linguísticas. A análise do poema supracitado será correlacionada à escrita de Lygia Bojunga em “O Rio e eu”, livro, por meio do qual a autora introduz um eu narrativo em interação com o próprio Rio de Janeiro. Este é personificado e, desta forma, é elemento imprescindível para que Bojunga ilustre sua mestria no trabalho morfossemântico da língua portuguesa. 2º) O papel da urbanização carioca na visão de Bilac e Bojunga. A pretensão, com esse segundo ponto, é destacar a representatividade e não representatividade de um e outro autor, conforme suas memórias geográficas ou afetivas do lugar em que se vê, de fato, pertencente. Serão, pois, utilizados estudos de Marc Auge (Não Lugares) e Yi-Fu Tuan (Espaço e Lugar: Perspectiva da Experiência) além de crônicas, de Bilac, e “O Rio e eu”, de Bojunga. Por fim, o mérito do presente artigo é ilustrar como os dois autores dão vida à língua portuguesa, contextualizando-a com a história e com a realidade vivida por ambos.

Palavras-chave: Léxico. Memória. Pertencimento e literatura.